

HOMENAGEM A SILVIANO SANTIAGO

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (orgs.): *Navegar é preciso, viver —*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Salvador: EDUFBA, Niterói: EDUFF, 1997.

Para homenagear os 60 anos de Silviano Santiago, os professores Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda organizaram o volume *Navegar é preciso, viver —* (1997, 365p.), publicado por três grandes editoras universitárias do País, em parceria: Editora UFMG, EDUFBA e EDUFF. Trata-se de uma publicação do Projeto Integrado de Pesquisa Acervo de Escritores Mineiros, desenvolvido com o apoio de agências de fomento. Numa editoração e projeto gráfico primorosos, em papel pólen, e com Apresentação dos organizadores, o livro se divide em três partes: “Depoimentos”, “Sobre Silviano Santiago” e “Para Silviano Santiago”. Fecha-se com uma Cronologia, uma Bibliografia completa do e sobre o escritor, mais os créditos dos trinta e um Colaboradores. Estes foram companheiros de juventude de Silviano, colegas dos tempos em que cursava Línguas Neolatinas na Universidade Federal de Minas Gerais; são ex-alunos ou ex-orientados, nos cursos de pós-graduação das diversas universidades nacionais e estrangeiras onde exerceu a docência e desenvolveu pesquisas; são colegas de profissão, muitos deles vinculados a entidades em que Santiago trabalhou. Enfim: todos são amigos que vêm o homenageado mais além do companheiro, do mestre, do colega de estudos ou de profissão. Vêm-no como um intelectual no completo sentido do termo: dos mais respeitados ensaístas literários e pensadores de questões culturais; poeta e ficcionista competente nas artes da linguagem; professor e orientador dedicado; pesquisador de ponta e empenhado criador; executor e administrador de tarefas acadêmicas e similares. Creio ter sido

precisamente essa visão de completitude da pessoa de Silviano Santiago que justificou e pôs em prática a idéia do livro e a colaboração de nomes importantes do mundo cultural.

Nos textos da primeira parte, prevalece o tom evocativo e memorialístico. Aí os autores transferem emotivamente, da vida para a escrita, suas experiências marcantes no contato pessoal com Silviano e/ou com sua produção. Esses textos se completam, se complementam para formar uma unidade, que visa a transmitir ao leitor uma imagem do homenageado construída de forma deslizante, do passado para o presente. Lembrando o Borges da conferência sobre o Tempo, na Universidade de Belgrano (23/06/1978): a memória é individual, e muitas vezes somos feitos de nossa memória, a qual, por sua vez, é em grande parte feita de esquecimento. Assim, esses textos se constituem num mosaico de vitrais, de memórias individuais, vitrais sob efeito do claro-escuro oscilando entre memória e esquecimento, delineando o ser Silviano com os contornos daquilo que todos nós somos, isto é, cambiância e permanência. Ou, nas palavras de Borges: (...) *algo cambiante e algo permanente. Somos algo essencialmente misterioso. Que seria de cada um de nós sem a memória? É uma memória em grande parte feita de ruído, mas que é essencial.* (BORGES, J.L. *Cinco visões pessoais*. 3ª Ed. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. Brasília: Editora UnB, 1996. p. 48.)

No conjunto desses textos de memória/esquecimento do Sujeito com o Outro, sobre o Outro e para o Outro, em projetos e projeções que se iluminam (e se escurecem), lê-se o Silviano múltiplo e simultaneamente uno em seus mistérios. Aí se expõem a poesia extraída de seus livros, a admiração por sua movimentada trajetória de erudição, por sua originalidade e fidelidade às origens, as grandes amizades, o comprometimento com o atual tanto na criação ensaística quanto na literária, o companheiro de viagens, os saberes transmitidos e adquiridos. Sob esse aspecto, os “Depoimentos” são os responsáveis pela função de *Navegar é preciso, viver. Pergunta*

Borges, na conferência intitulada “O Livro” (25/05/78) e publicada na obra referida, p. 5: *Que é o nosso passado, se não uma série de sonhos? Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado? E responde: Essa é a função exercida pelo livro.*

Na segunda parte, a mais voluminosa, predominam ensaios sobre textos específicos do autor. No todo observa-se, por parte dos ensaístas, uma atenção especial às narrativas *Em Liberdade* (1981) e *Viagem ao México* (1995), bem como a omissão de *O banquete* (1970) e *O olhar* (1974). Se, por um lado, a ausência dessas últimas é facilmente compreensível, não tanto pela distância no tempo, mas sobretudo por terem sido os primeiros livros individuais que o Autor publicou, quando ousava seus experimentos ficcionais da maturidade, por outro lado a preferência pelas narrativas de 81 e 95 incita maiores reflexões. Além de se configurarem como produções de um Santiago consciente do manejo das artes, técnicas e intertextos no fazer literário, sedimentam-se em contextos histórico-culturais de nossa realidade, de saberes políticos que o escritor transforma em símbolos e os incorpora em seus textos.

Os intertextos *Memórias do Cárcere e México: História duma viagem* — ainda que este último não pertença ao grupo de textos ficcionais do Érico musical trabalhado por Silviano e mantenha com ele uma intertextualidade bastante sutil — apontam para realidades políticas diferentes. Entretanto essas realidades se irmanam na concepção literária do autor, de reescrever os intertextos, de fazer avançá-los no tempo, pelo jogo da continuidade *versus* a descontinuidade: regravar as memórias viajadas do passado com os equipamentos de última geração disponíveis no presente, ou seja: os intertextos literários em diálogo com o contexto político-social ímpar do País, sua utopia e entropia com os irmãos latino-americanos.

Em Liberdade agencia dois acontecimentos dialogantes entre si: o diário de Graciliano Ramos ao sair da prisão, para aonde fora levado pela ditadura getulista, e o

“diário” de todos nós, sobretudo da geração de Silviano e da geração anterior, que começávamos a viver em liberdade nos idos de 1981, quando se conquistaram os primórdios da abertura política com o enfraquecimento da ditadura de 1964.

Viagem ao México/a Cuba insere-se num clima contextual de “celebrações”: quinto centenário do “Descobrimiento” da América, aliado ao recrudescimento da guerrilha de Chiapas e ao fim da ajuda soviética à Ilha; auge do *boom* dos estudos multiculturais privilegiadores das minorias, onde se cria um espaço significativo para a América Latina nas academias do Primeiro Mundo; devastadora crise econômica, muito anterior ao último *crash* global — furacões sobre o empobrecido México e a desamparada Cuba, que Santiago viu, mas Veríssimo e Artaud não conheceram.

É claro que estou lendo o que os ensaístas de “Sobre Silviano Santiago” não leram, necessariamente, mas poderiam ter lido no inconsciente, para justificar suas escolhas. Afinal de contas, a resenha pode ser também um saber interpretador de interpretações. Ou, como diz Borges na conferência sobre a Imortalidade (05/06/78), publicada na mesma obra citada: *Talvez o mais importante seja o que não recordamos de modo preciso; talvez o mais importante nós o recordemos de uma maneira inconsciente.* (p. 20)

A terceira parte, “Para Silviano Santiago”, compõe-se de ensaios sobre outros escritores, sobre a literatura e sua teoria. Existe aí um fio condutor, na medida em que os ensaístas centram a homenagem no abordar de temas e autores com certeza queridos do homenageado, e/ou no referenciá-lo bibliograficamente. Aí o leitor vai encontrar oito textos versando, pela ordem, sobre o crítico literário, sobre Mário de Andrade, sobre a crítica a Gilberto Freyre, o entrelugar dos estudos africanos no Brasil, a literatura de viagens, certos traços marcantes das três últimas décadas da narrativa brasileira de ficção, reprodução de originais relativos a Aluísio Azevedo, paralelos entre a Clarice pessoa e a Clarice escritora.

Já que as conferências do Borges cego estão servindo de *Leitmotif* — com perdão da antiga palavra — para esta resenha, evoco-o novamente: Quando lhe perguntaram — conta Martin Müller — por que havia escolhido temas sem qualquer conexão, respondeu serem aqueles os de sua intimidade, os que preocupavam seu pensamento. Assim, na miscelânea de textos que integra essa terceira parte do livro, além da tematização ser cara a Silviano, acredito, os escritos subsistem na intimidade de quem os escreveu, em suas ocupações e preocupações intelectuais-afetivas.

Se navegar é preciso, viver é mais do que preciso. Os companheiros de mocidade, os amigos de ontem e de hoje, se unem nesse livro-homenagem a Silviano, como se fossem um *Eu partilhado, presente em todas as criaturas*, na escrita — este lugar em que a imortalidade, também e sobretudo, é preciso. Estou chamando, pela última vez, a Borges, através desta bela frase da conferência “A Imortalidade”, p. 19, frase que remete tanto a homenageadores quanto ao homenageado:

Cada vez que repetimos um verso de Dante ou de Shakespeare, somos, de algum modo, aquele instante em que Shakespeare ou Dante criaram esse verso. Enfim, a imortalidade está na memória dos outros e na obra que deixamos. Que importa que essa obra seja esquecida?

Letícia Malard
UFMG